

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
CAMPUS FECEA  
CENTRO DE ESTUDOS DE  
DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL E  
TECNOLÓGICO**

***Pós-Graduação “Lato Sensu”***

**Curso de Especialização em  
“*Responsabilidade Social Corporativa e  
Organizações do Terceiro Setor*”**

**Disciplina de Políticas Sociais – Diretrizes Atuais  
Professor Dra Vera Lúcia Tieko Suguihiro**

**“Elaboração de artigo técnico: Pazear é possível.”**

Aluno: Luís Cláudio Galhardi

Londrina-PR  
setembro de 2003

## **Elaboração de artigo técnico: Pazear é possível.**

*“Felizmente, uma nova consciência está se estabelecendo no espírito de grande parte das pessoas. Ela inspira uma outra maneira de encarar ciência, filosofia, arte e religião. Trata-se de um momento de síntese, integração e globalização. Nesta fase, a humanidade é chamada a colar as partes que ela mesma separou nos séculos em que se submeteu à ditadura da razão.” Pierre Weil [1]*

## Introdução

Este artigo pretende trazer uma reflexão atualizada e contextualizada sobre a Paz e a importância da instauração de políticas públicas voltadas para a construção de uma cultura de Paz, com ações locais (no município) mas sem perder a perspectiva de influência global, uma vez que a interação no planeta é cada vez mais presente. As idéias, as imagens, viajam a velocidade da luz de um lado a outro do planeta, e tudo influencia em tudo a cada momento na vida global.

Traz como objeto de análise a questão da Paz enquanto cultura, buscando resgatar conceitos gerais e específicos sobre esse tema como a educação para valores humanos.

Falar de Políticas Públicas para construção de uma Cultura de Paz ( e educação pela Paz) é um desafio enorme. Existem muitas percepções do que seja Paz. Ao longo do tempo se fortaleceu a idéia de que Paz é ausência de conflitos, um marasmo ou inércia. Entretanto construir uma cultura de Paz, no mínimo implica em planejar estratégias, fazer projetos, e executar ações. Quando resgatamos em nossos dicionários o verbo pazear mudamos o foco da passividade para o entendimento da Paz em ação. Segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira pazear é estabelecer paz ou harmonia.

Criamos, individualmente e coletivamente, como forma para adquirirmos conhecimento, a fragmentação do saber; um saber muito ligado ao nosso “aspecto” racional, impondo a nós mesmos a ditadura da razão (Weil [1] ). Surgem as especialidades de todas as ordens. Na saúde, por exemplo, isto é sentido na “pele”, pois temos que procurar os especialistas de cada parte de nosso complexo corpo e mente. Os medicamentos que auxiliam aqui, prejudicam a saúde ali, o medicamento que ontem curava, hoje os cientistas descobrem que provocam males e são proibidos de serem vendidos. Mas estes conflitos, geram também reflexões e grandes contrastes. Começamos a entender que fazemos parte de um grande todo e que é impossível se mover no universo sem interferir na ordem das coisas. Nasce a idéia do holismo. Tínhamos uma paisagem da natureza, que recortamos em mil pedaços afim de entendermos com a razão e nosso intelectualismo. Agora estamos juntando tudo de novo pois precisamos entender “sentindo”. O ser humano não nasceu “só” para ser uma peça no mercado de trabalho, que as escolas, as universidades e cursos técnicos possam formar. Deixar os problemas de “casa em casa” e ir ao trabalho sem eles é realidade no mundo da razão, mas não é realidade no mundo do Ser holístico. Esta fragmentação tem gerado violências internas e sociais graves, que hoje nos vemos desafiados a superar, individualmente e coletivamente.

*"A paz não é algo natural do ser humano e tem que ser construída". Essa é a opinião do jornalista Gilberto Dimenstein, um dos mais premiados do país, com trabalhos renomados na área dos Direitos Humanos e Infância. [2]*

Meu objetivo neste artigo, é mostrar a necessidade de que uma mudança de paradigma mental é condição fundamental para construção de uma Cultura de Paz e Não-Violência. Quero mostrar que a cultura de paz não é só uma alternativa para humanidade, mas uma questão de sobrevivência de toda a humanidade. Deveremos transformar a cultura de violência, vivenciada a milênio pelos nossos ancestrais e introjetada em nosso modo de vida, em uma cultura de paz e não-violência. Minha contribuição com este artigo, é de trazer uma reflexão abrangente sobre o tema, partindo da premissa que temos uma cultura de violência instalada em nossa sociedade, e a constatação de que se por um lado nos trouxe até hoje progressos de ordem material, por

outro está nos levando a destruição. Apresentarei algumas experiências em curso, que são ações e políticas públicas em curso de como se trabalhar a proposta de construção da cultura de Paz e não-violência.

### **1. A mudança de paradigma mental é condição fundamental para Construção de uma Cultura de Paz e Não-Violência.**

*“Para construir uma cultura de paz é preciso mudar atitudes, crenças e comportamentos, até se tornar natural resolver os conflitos de modo não violento (por meio de acordos) e não de modo hostil”. Maria Tereza Maldonado [3]*

Mudar o paradigma mental da competição para a cooperação consciente; segundo Brotto [4] “se o importante é competir, o fundamental é cooperar ...jogar o jogo da vida **com** o outro e não contra o outro”. Estabeecer um dialogo entre as diferenças, será fundamental para que a humanidade construa uma cultura de Paz e Não-Violência.

Durante a história do desenvolvimento da vida do homem no planeta terra, sempre estivemos em luta. Se enquanto habitantes nas florestas, tínhamos que fugir dos animais selvagens para não ser devorados, buscar nosso alimento, e enfrentar a doenças ( vírus, bactérias etc) invisíveis e incompreensíveis para o nível de evolução da época. Quando o homem se fixou na terra criando as aldeias, as disputas por territórios, além de continuar tendo que se defender dos animais, doenças e das condições climáticas, surgem a ameaça do ser humano ameaçando o ser humano. Nasce as guerras. Ao longo dos tempos construímos toda uma cultura baseada na destruição do que a concepção humana considera ameaça a sobrevivência da vida, individual ou de povos. Uma linguagem bélica foi se consolidando, e na sociedade capitalista, a industria bélica, ganhou status fazendo parte das economias mundiais, sendo usada como parâmetro para se medir desenvolvimento econômico. Um operário de uma fabrica de armas para guerra é registrado, e recebe os encargos sociais impostos pelas leis trabalhistas. Toda produção bélica é uma mercadoria que precisa ser consumida, assim os conflitos precisam ser potencializados por quem tem interesse na comercialização. A cultura de violência na linguagem cotidiana é tão presente, que é comum em reuniões as pessoas usarem expressões como "vamos *detonar* o processo para campanha da solidariedade ..." ; "já estou com tudo *engatilhado*"; "fulano *matou* o assunto com aquela frase"; ...."então posso mandar *bala*?"; .... "a reunião foi *pauleira*" São frases comuns do nosso dia a dia. Como poderemos mudar nosso padrão mental sem uma ampla reflexão sobre a compreensão da Paz? Sem uma educação para valores humanos? Educar o ser humano para ser feliz, ou educar o ser humano para "*perder a vida para ganhar a vida*", (Boaventura, citando Gorz 1997 [5]). Mudar paradigma mental de milênios deverá ser um trabalho de construção de uma nova cultura, baseada no ser humano, no equilíbrio ambiental e social sustentável. A paz individual, a paz social e a paz ambiental. Construir transformando, e não destruindo como temos experimentado ao logo do tempo. Assumir o princípio de ser a favor a Paz, e não contra a violência. Ser contra algo gera novas violências. Não devemos negar que construímos essa cultura de violência, mas assumirmos um compromisso de sermos agentes transformadores desta realidade. Mudar o padrão mental é necessário e fundamental. Como fazer isto sem incentivar, mobilizar, contagiar as pessoas. Quanto mais trabalharmos em uma sociedade a busca da paz, menos precisaremos investir em industria bélica, em polícia, em cadeias e presídios, até em hospitais e postos de saúde, em manutenção por depredação do patrimônio público. Poderemos investir mais em educação, lazer, cultura, trabalhando para uma melhor distribuição de renda e qualidade de vida para os moradores do planeta. Precisamos

para isto criar políticas públicas que propiciem esta mudança de padrão mental. Principalmente na área de educação e cultura. Se tivemos ao longo da história os "heróis guerreiros" [6] tivemos os "super-heróis pacifistas, que foram seres humanos que apontaram caminhos para a paz. Precisamos criar programas educacionais que resgatem essas biografias e que elas sejam estudadas em sala de aula. Substituir ( ou colocar ao lado) os bustos dos pacifistas em praças públicas, criar o dia municipal da paz, incentivar carnaval da paz, criar o museu da paz, proibir a venda de brinquedos bélicos para crianças, potencializar os movimentos ecológicos que se traduzem em movimentos de paz com ambiente. Segundo Boaventura de Souza Santos [7] , “o pensamento crítico, para ser eficaz, tem de assumir uma posição paradigmática para, partindo, de uma crítica radical do paradigma dominante, tanto dos seus modelos regulatórios como dos seus modelos emancipatórios, desenhar os primeiros traços dos horizontes emancipatórios em que eventualmente se anuncia o paradigma emergente.” Proponho a vivência pragmática, para que a mudança mental se consolide.

## 2- Políticas Públicas para a construção de uma Cultura da Paz.

O que são Políticas Públicas? Segunda a Biblioteca Virtual de Política Científica e Tecnológica [8] , coloca que: “ Como é usual na Ciência Política e em outras ciências não-exatas, não existe uma definição satisfatória de "políticas públicas". O emprego desta expressão é, do ponto de vista semântico, freqüentemente impreciso e ambíguo, sobretudo a medida em que se insere na linguagem cotidiana. ....Para os efeitos desta biblioteca, “Política Pública” - equivalente, em Português, da expressão inglesa *policy* - é um conjunto de ações ou normas de **iniciativa governamental**, visando determinados objetivos. Nesta perspectiva, política pública tem sempre caráter estatal, ainda que sua execução através de programas, projetos e atividades possa envolver agentes privados.

De acordo com nossa convenção, portanto, uma **ONG não formula nem emite política pública**. O que não a impede de apresentar propostas de políticas públicas a diferentes níveis (federal, estadual ou municipal) ou poderes (executivo, legislativo e judiciário) de governo, criticar ou apoiar esta ou aquela política pública, ou até mesmo assumir funções típicas de agencias governamentais na execução de uma política ou programa.

Para Augusto de Franco [9], (conselheiro e membro do comitê executivo da comunidade solidária –setembro 2000) , na introdução da cartilha - Organização da sociedade civil de interesse público - OSCIP : a lei 9.790 como alternativa para o terceiro setor - colcoca ..... “ A primeira razão diz respeito a cultura estatista que predomina no chamado aparelho de Estado. A Lei 9790 **reconhece como tendo caráter público organizações não-estatais**. Isso é um escândalo para boa parte dos dirigentes e funcionários governamentais, que ainda pensam que o Estado não só detém por direito, como deve continuar mantendo de fato em suas mãos, eternamente, o monopólio do público.

Nos extremos desse campo de concepção, uma parte, felizmente pequena, dos dirigentes governamentais atuais, encara tudo isso como uma forma de burlar o fisco. Para tais dirigentes, essa conversa de Terceiro Setor, de Sociedade Civil, não passa de maquiagem para empresas que não querem pagar impostos. Na contramão das mudanças que ocorrem no plano mundial neste início de século e de milênio - dentre as quais, talvez, a mais significativa, seja a emersão de **uma esfera pública não-estatal** - esses dirigentes partem da premissa de que todo mundo é culpado até prova em contrário. Sendo assim, esmeram-se em dificultar ao máximo a vida das organizações da Sociedade Civil, quer criando obstáculos burocráticos de toda ordem ao seu reconhecimento institucional, quer negando-lhes o acesso a recursos públicos - dificultando a celebração e a execução de convênios e abolindo ou reduzindo incentivos, dos quais, é bom

dizer, sempre foram e continuam sendo beneficiárias as empresas muito mais do que as entidades sem fins lucrativos.

A maior parte, porém, dos que resistem às mudanças neste campo, não o faz por estar impregnada desse ardor fiscal retrógrado, e sim, sinceramente, por ideologia mesmo, por visão ultrapassada da realidade, por não conseguir perceber que o desenho da sociedade contemporânea mudou, que **não existem mais, apenas, Estado e Mercado no universo**. Compartilham esses, lamentavelmente, daquela visão de Margaret Thatcher, que não acreditava que pudesse existir qualquer coisa como sociedade.”

Quando falo de políticas públicas para construção de uma cultura de Paz, estou propondo a participação da Sociedade Civil Organizada atuando nas organizações não governamentais (terceiro setor) no espaço da esfera pública não estatal; mas que ao mesmo tempo, crie ações e políticas junto com o estado (primeiro setor), as empresas (segundo setor), buscando a transformação mental, cultural, para a construção sustentável de uma economia de distribuição de renda, baseada no “conforto essencial” (weil [1] ) do cidadão, e na resolução dos conflitos de forma pacífica e num passiva.

*Joddy Willians, prêmio Nobel da paz 1997 por seu trabalho para eliminação das minas terrestres: “A paz já não é uma expressão da vontade dos poderosos, mas uma expressão da vontade coletiva de se viver em paz. Todos juntos somos uma superpotência!” [3]*

### 3. Experiências na Construção da Paz

Tarei agora alguma experiências municipais, nacionais e internacionais que trabalharam e estão trabalhando na construção da Cultura da Paz

#### 3.1 Pacifista Gandhi: o grande exemplo mundial de construtor da cultura da Paz.

Integrar as ações, falar em transdisciplinalidade, em equipes multidisciplinares são ações que visam o retorno a visão do Ser como um todo (holismo). A Paz não cairá como um “precipitado” (Nunes), assim como a sociedade não “é” violenta, ela “está” violenta ou historicamente “esteve” violenta em muitos momentos. Os seres humanos, a sociedade, tem focado as lutas na força da destruição material do que considera “diferente”. Gandhi experimentou na prática de sua existência o conceito da Não-Violência o “**ahinsa**”- “a” significa não e - **hinsa** palavra sanscrita que significa ódio, raiva, vingança, dor, ira. ....**ahinsa** é brandura, compaixão. Gandhi entendeu e vivenciou os ensinamentos do Cristo, levando a liberdade mais de 350 milhões de indianos do domínio Inglês propondo a “lutas” sem violência. Ele afirmava que “*o que precisamos matar no inimigo é o desejo de matar*”. [10]

#### .2 A ONG MovPaz: uma experiência brasileira:

A experiência de Ferreira de Santana [11] , Bahia tem 12 anos. Começou como um Movimento pela Paz e Não-Violência e no decorrer do tempo formalizou-se em uma ONG - organização não-governamental, Eles hoje tem em seu estatuto, como missão do movimento realizar 21 ações, que articuladas possam mobilizar o maior numero possível de pessoas em todo país e até mundialmente. São as seguintes as ações:

- 1º- Seminário Paz Pela Paz e Não-Violência.
- 2º- Conferência Pela Paz
- 3º- Formação do Comitê pela Paz e Não-Violência.
- 4º - *Lei do Dia Municipal da Paz.*
- 5º - Atos da Paz.
- 6º- *A Paz nas Escolas – Concurso de construção de texto.*
- 7º - *Implantação do Estudo da Paz nas Escolas. "Projeto Lei".*
- 8º - Seminário "Ensinando a ensinar a Paz".
- 9º- Construção da Casa da Paz.
- 10º- Campanha do Desarmamento.
- 11º - Implantação da Caminhada pela Paz
- 12º- Lançamento e divulgação da música tema do MOVPAZ.
- 13º- Produção de CDs pela Paz , com músicas exclusivas.
- 14º- Lançamentos e divulgação de Livros.
- 15º- Produção e divulgação de vídeos e documentários sobre a Paz.
- 16º- Construção do Monumento da Paz.
- 17º- Construção da Praça da Paz.
- 18º- Criação e Produção de Clipes pela Paz para TV.
- 19º- Produção de CD's contendo mensagens de grandes pacifistas.
- 20º- Construção de Museus da Paz.
- 21º- Multiplicação do MOVPAZ.

### 3. 3 - A UNESCO e seu manifesto [12]

*Nunca, nos últimos quarenta anos a paz esteve tão próxima da humanidade. Jamais ela foi tão palpável como hoje em dia. Sim a violência pode ser banida já de todos os níveis da vida.*

*Mas é necessário que os homens escolham com audácia, imaginação e determinação o caminho da Paz. Porque ele não é o único. Existe também uma trilha sombria que conduz a desordem e á guerra.*

*Desde sua fundação, a UNESCO (organização das nações unidas para a educação, ciência e cultura) trabalha para estabelecer a paz nas consciências , porque entende que "as guerras nascem no espírito dos homens, e é nele, primeiramente, que devem ser erguidas as defesas contra o ódio".*

*Federico Mayor durante o encontro preparatório á reunião internacional de peritos de Yamoussoukro sobre a Paz no Espírito dos Homens (1989) [1]*

Entre as várias ações da UNESCO, destacamos aqui o manifesto, que foi elaborado por prêmios nóbél da paz, e que no Brasil já recebeu mais de 17 milhões de assinaturas e que propõe:

- "Por uma cultura de paz e não-violência." O Ano 2000 deve ser um novo começo para todos nós. Juntos, podemos transformar a cultura de guerra e violência em uma cultura de paz e não-violência.

Essa evolução exige a participação de cada um de nós para dar aos jovens e às gerações futuras valores que os ajudem a forjar um mundo mais digno e harmonioso, um mundo de justiça, solidariedade, liberdade e prosperidade.

A cultura de paz torna possível o desenvolvimento duradouro, a proteção do ambiente natural e a satisfação pessoal de cada ser humano.

Reconhecendo a parte de responsabilidade ante o futuro da humanidade, especialmente com as crianças de hoje e de amanhã;

**EU ME COMPROMETO EM MINHA VIDA COTIDIANA, NA MINHA FAMÍLIA, NO MEU TRABALHO, NA MINHA COMUNIDADE, NO MEU PAÍS E NA MINHA REGIÃO A:**

1 "RESPEITAR A VIDA." Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminar nem prejudicar;

2 "REJEITAR A VIOLÊNCIA". Praticar a não-violência ativa, repelindo a violência em todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular ante os mais fracos e vulneráveis, como as crianças e os adolescentes;

3 "SER GENEROSO." Compartilhar o meu tempo e meus recursos materiais, cultivando a generosidade, a fim de terminar com a exclusão, a injustiça e a opressão política e econômica;

4 "OUVIR PARA COMPREENDER." Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando sempre a escuta e o diálogo, sem ceder ao fanatismo, nem à maledicência e o rechaço ao próximo;

5 "PRESERVAR O PLANETA." Promover um consumo responsável e um modelo de desenvolvimento que tenha em conta a importância de todas as formas de vida e o equilíbrio dos recursos naturais do planeta;

6 "REDESCOBRIR A SOLIDARIEDADE." Contribuir para o desenvolvimento de minha comunidade, propiciando a plena participação das mulheres e o respeito dos princípios democráticos, com o fim de criar novas formas de solidariedade.

### **3.4 A experiência do Rio Grande do Sul [13]**

*Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre tem um Programa de Prevenção à Violência nas Escolas da Rede Municipal*

“ Nos últimos anos, a violência tem sido experimentada também como um problema educacional, seja por sua emergência dentro da própria comunidade escolar -violência na escola-, seja pela consciência das relações que se estabelecem entre o fato social e a educação -violência da escola.

Tema freqüentemente debatido entre os que estão mais diretamente envolvidos com o mundo da educação, a questão da violência no meio escolar tem-se transformado em pauta obrigatória da agenda pública.

A SMED desde 1995 tem desenvolvido o programa "Ação Contra a Violência na Escola", em parceria com o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, procurando compreender as relações sócio-econômicas presentes nos atos de violência ocorridos no meio escolar e apontar ações para sua redução, tanto em nível pedagógico quanto no de articulação com a comunidade mais ampla.

Em 4 de julho de 2000, foi promulgada a **Lei Municipal no 8541**, que institui o Programa de Prevenção à Violência nas escolas da rede municipal de ensino de Porto Alegre, com os

seguintes objetivos:

- . fortalecer as relações comunitárias e disseminar ações de solidariedade e cidadania;
- . articular a comunidade da região para, com base em diagnósticos, desenvolver ações de promoção e garantia de direitos, especialmente de combate à violência e de valorização da vida;
- . desenvolver estratégias de trabalho por meio de parcerias com instituições governamentais e não-governamentais para operacionalizar ações de combate à violência;
- . estreitar as relações da escola com a comunidade, reforçando-a como espaço de apoio às ações solidárias;
- . formar comissões regionais de prevenção à violência nas escolas, para coordenar e definir as ações.

.... Dando continuidade a este trabalho e no esforço de implementação da lei municipal, a SMED propõe um programa de dez pontos de prevenção da violência entendendo a prevenção, em seu sentido amplo, como toda ação que visa compreender, reduzir, dissolver, evitar, contrapor toda e qualquer manifestação de violência no meio escolar. Para tal, são apresentadas as seguintes políticas e estratégias:

1. Refletir sistematicamente a problemática da violência no meio escolar
2. Assumir a não-violência como referencial de toda ação de prevenção à violência
3. Desenvolver a educação para a paz como caminho de superação da violência no meio escolar
4. Capacitar a escola para constituir-se em núcleo e centro promotor da paz e da cultura de paz
5. Aprimorar as relações humanas na comunidade escolar
6. Fortalecer espaços democráticos no sistema escolar
7. Fortalecer a cidadania, o protagonismo juvenil e a mobilização social na linha da paz, não-violência e direitos humanos
8. Incentivar projetos de integração escola e comunidade
9. Construir estratégias cidadãs de segurança
10. Criar espaços de apoio às vítimas da violência

A ONG **EDUCADORES PARA A PAZ** [13] tem o seguinte princípio: “Para alcançar a paz, eduquemos para a paz!”

Início da atividades: - “No contexto do ano 2000, proclamado pela Organização das Nações Unidas como Ano Internacional por uma Cultura de Paz, um grupo de educadores de Porto Alegre (RS) e região metropolitana começou a se reunir mensalmente com a preocupação de refletir e aprofundar seu engajamento pela paz através da educação. Foram, assim, pouco a pouco, entrando em contato com o vasto mundo da educação para a paz, e desenvolvendo projetos de ação nesta linha. As ações desenvolvidas resultaram em solicitação por parte de diversas instâncias ligadas à educação, comunitárias e públicas, para contribuírem na reflexão sobre a temática. Sentindo a necessidade de consolidarem seu trabalho, organizaram-se, em 30 de janeiro de 2002, como organização não-governamental EDUCADORES PARA A PAZ.”

A Organização visa:

- a) Contribuir para a prevenção e o combate à violência, através de programas e propostas metodológicas de educação para a paz e a não-violência;
- b) Promover o desenvolvimento da educação para a paz através de programas de qualificação de educadores na área da educação para a paz e a não-violência;
- c) Cooperar com as autoridades e entidades governamentais para a instituição de **políticas educacionais** voltadas para a construção de uma cultura de paz;
- d) Desenvolver estudos e pesquisas, na perspectiva da construção de uma cultura de paz ativa, em intercâmbio com instituições acadêmicas e de desenvolvimento social;

e-) Promover os valores da ética, da paz, da cidadania, dos direitos humanos e de outros valores universais, através de programas de formação e integração comunitários, envolvendo crianças, jovens e adultos.

#### **Suas atividades são**

- capacitação de educadores das instituições públicas e privadas, especialmente através do Curso de Educação para a Paz, com 40 horas de duração, com o objetivo de introduzir educadores nesta temática;
- assessoria às escolas públicas e privadas para implementação de programas e ações em educação para a paz;
- publicação de textos, artigos, documentos sobre educação para a paz, e outros subsídios;
- promoção de espaços de discussão e debate das questões relacionadas à justiça social e às relações humanas, de modo a operar um consenso para a paz e ativar o poder de construir alternativas públicas para uma cultura de paz;
- outras contribuições na construção de alternativas pedagógicas que facilitem o exercício da crítica e apontem mudanças referenciais para a resolução de conflitos e as relações de poder.

Segundo Rezende, presidente da organização ....“ O currículo oculto: a produção cultural da violência: É importante detectarmos, coletivamente, os processos culturais de produção da violência. Não apenas vivemos numa sociedade violenta, mas, sobretudo, numa cultura violenta, produzida e, ao mesmo tempo, difundida, por inúmeras instâncias da sociedade: os meios de comunicação, a escola, a família, as instituições religiosas, os partidos políticos, os clubes, os sindicatos, etc. Há um currículo oculto, baseado no paradigma bélico, que nos educa para a violência e que, qualquer ação contra a violência e pela paz, não pode desconhecer.” ....

Ainda de Rezende afirma ..... “componente importante dos programas educativos, são alguns dos atributos referidos à educação para a paz. Quase que desconhecida no Brasil, a educação para a paz constitui-se, no entanto, em um verdadeiro movimento organizado e mobilizado em torno da educação para a paz. Multiplicam-se, em muitos lugares, associações de educadores para a paz e centros de educação para a paz, tendo florescido, nos últimos anos, uma abundante bibliografia, especialmente nos Estados Unidos, Espanha e Itália. Em algumas escolas, como na Inglaterra, a educação para a paz constitui-se em parte integrante do **currículo escolar**, sendo que, na Espanha, a educação para a paz integra um dos assim ditos temas transversais. Cursos sobre educação para a paz são promovidos por universidades na Itália, Alemanha, Bélgica, Cuba e Costa Rica....

### **3.5 A experiência Londrinense [14]**

Um grupo de pessoas, ligadas as movimentos populares e organizações não-governamental em Londrina, discutindo sobre a crescente violência urbana na cidade, pensou em criar no município uma Semana Municipal da Paz, e que esta semana fosse institucionalizada. A idéia ganhou força e foi levada ao vereador André Vargas que propôs a Câmara Municipal um projeto que por unanimidade dos vereadores de Londrina se transformou na lei nº 8.437 , em 26 de Junho de 2001. Esta lei criou uma comissão organizadora para semana. Na elaboração da 2º semana da paz em Londrina, líderes da comunidade foram chamados a participar, e já como uma organização maior trazem a Londrina a experiência de Feira de Santana. Sob a influência da movimento nacional de Feira um acréscimo foi proposto a lei, que se tivesse a semana, e que esta se encerrasse com o "um" dia municipal da Paz, e assim através da lei nº 8.891, em 10 de Setembro de 2002, foi criado o Dia Municipal da Paz e sugerido nesta lei que na comemoração, a cada ano uma Caminhada Pela Paz fosse promovida. Em outubro de 2002 foi criada a ONG, hoje OSCIP Movimento Pela Paz e Não-Violência

Londrina Pazeando, que em início de 2003 propões a 1º Coletânea de textos e desenhos para publicar o livro: Londrina Pazeando - idéias dos estudantes de Londrina para construção de uma Cultura de Paz.

### 3.6 A construção da Paz aos olhos de uma adolescente de 12 anos [15]

Durante a 3º semana da Paz de Londrina, foi lançado o Livro Londrina Pazenado. Uma comissão organizadora foi composta para elaborar um regulamento. Fizeram parte desta comissão organizadora as seguintes instituições: Londrina Pazeando, Instituto de Educação Igapó , Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Municipal de Cultura, Núcleo Regional de Educação de Londrina, SINEPE - Sindicato das Escolas Particulares de Londrina, Universidade Estadual de Londrina, Sindicato dos Jornalistas e apoio Institucional da UNESCO Coordenação de Desenvolvimento Social Unesco/Brasil.

No regulamento elaborado, o foco do trabalho foram crianças e adolescentes. Entre os textos um se destacou, foi o da estudante Mariane Paola de Assis 12 anos. 6º série - Escola SETA Sistema de Ensino, que traz idéias que “poderiam ser transformadas” em possibilidade de políticas públicas para a construção de uma cultura de paz. Propõe ela, em seu texto as seguintes idéias;

- *Não é algo muito fácil, mas tenho a certeza de que vamos conseguir, basta tentar....*

Nos propõe assumir que não é tarefa fácil, mas requer vontade política, e na frase seguinte, deixa claro acreditar-se agente transformador da realidade,

- *Espero que alguma de minhas idéias seja útil, quem sabe, para conseguirmos um pouquinho de paz para começar*

Compreensão de que para criação de uma cultura, há necessidade de se linkar a música ao conceito de solidariedade e de beneficência, estimular a reflexão, da absurda distribuição de renda que exclui pessoas ao direito básico da alimentação.

- *Poderíamos fazer um Festival da Paz, com música e atividades. Como ingresso cobraríamos apenas um quilo de alimento não perecível e ajudaríamos várias pessoas. Pois a paz é solidariedade e também música.*

Entende a necessidade de se legitimar formalizando em Lei e dando cidadania ao cultivo da cultura de Paz

- *Poderíamos fazer um “Dia Especial da Paz”, um dia como o Natal, um feriado. Em que todos se reunissem para celebrar, festejar a paz. Pois a paz, com certeza, é também amor*

Propõe o diálogo interreligioso ( o dialogo entre as diferenças) e na compreensão do Divino como forma de gerar a Paz.

- *Poderíamos também rezar mais, não importa a religião, em que ou em quem acreditamos. O que importa é que é sempre bom ter a paz de Deus em nossos corações. Pois a paz também é um tipo de oração*

Compreende o conceito do verbo pazear e da necessidade de integrar os vários setores da sociedade como forma criar ações, para inclusão social e geração da Paz

- *Poderíamos fazer Campanhas Solidárias envolvendo toda a cidade de Londrina, empresas, comércio, governo, sociedade. Iríamos tentar tirar o máximo de menores das ruas. Seria uma forma de diminuir os lucros dos traficantes e investir na paz. Pois a paz também é empenho*

Visão de políticas socio-educativas investindo na criança e adolescente como propõe o Estatuto da Criança e Adolescente.

- *Seria muito importante também realizar projetos culturais, para colocar as crianças no teatro, no circo, aprendendo música. Para isso é necessário o apoio de todas aquelas pessoas envolvidas com a cultura da nossa cidade, doando o seu tempo. Pois paz também é arte. A paz é uma grande arte.*

Propõe que televisão, como veículo de comunicação, seja melhor utilizada como um instrumento para a educação para a paz, e não para o agravamento da violência em que estamos mergulhados. Vê claramente em que ao invés de globalizarmos e socializarmos a violência mundial, deveríamos valorizar as pessoas e ações locais que já trabalham a favor de uma cultura de Paz.

- *A televisão poderia contribuir muito, através de mais programas que mostrassem as atividades ligadas à paz, cenas que inspirassem a paz e não tanta violência como tem aparecido. Esses programas poderiam ser feitos por pessoas da nossa cidade, sempre se revezando. Pois a paz também é comunicação.*

Compreende que todo processo de construção de uma cultura de paz, passa por um processo de conscientização, é humilde a ponto de reconhecer suas limitações, mas também espera da sociedade envolvimento no processo. A segurança da integridade de cada cidadão do planeta terra depende desta no consciência. Sair a rua é caminhar no Planeta Terra.

- *Através dessas idéias e de outras, talvez muito melhores, eu espero que as pessoas se conscientizem da importância e da necessidade de uma Cultura da Paz. Assim poderemos sair às ruas com muito mais tranquilidade e paz. Poderemos pazear.*

Desde a experiência de Gandhi, integrando-se a política, e mostrando ao mundo que é possível uma alternativa pacífica de se trabalhar os conflitos, evitando-se a violência, muitos movimentos surgiram. A proposta do MovPaz de Faria de Santana, de trabalhar a nível nacional e internacional, a UNESCO representando os governos e nações mundiais, a experiência regionalizada em Londrina, mas não desintegrada dos movimentos nacionais e internacionais, cria uma grande REDE que trabalha para construção de uma Cultura de Paz e Não-Violência no Planeta Terra. A experiência do Rio Grande do Sul, em construção de referencial teórico, possibilitando programas governamentais. O olhar atento dos estudantes de Londrina, traz a esperança de que uma nova atitude mental está sendo construída em nossa sociedade. Outras experiências não citadas estão em curso, e novas deverão surgir, como fruto maduro destas vivências. É a humanidade escolhendo e construindo sua história.

#### 4. Considerações Finais

A Paz do mundo começa em mim (movpaz-feira), este pensamento inverte a lógica do São Tomé, que precisava **ver** para **crer**. “Precisamos **crer** para **ver**” (Magalhães[16] ). É necessário que cada um construa seu projeto de Paz, com pequenas ações. Estas ações são como pequenos córregos, que formam pequenos rios, que fluem para rios maiores e desembocam todos no mar. O Mar que reflete a Paz de todos. Sentir-se no mundo como parte da natureza, e não algo a-parte.

Superar a impotência de ação, diante de um mundo globalizado, assumir a responsabilidade pela parte que nos cabe a todo momento. Não esperar, “só” que os governos, os organismos internacionais possam propor políticas públicas, visando a “fim” da violência, mas que cada um de nós pode propor, pois somos parte do Todo, e devemos nos assumirmos enquanto agentes de transformação. É urgente em nossa sociedade que a responsabilidade social comece em mim. Necessitamos resgatar do dicionário o verbo (ação) pazear, e acreditar que é possível .....pazear.

#### 4. Bibliografia

- [1] WEIL, Pierre. A Arte de viver em paz: Ed. Gente.
- [2] Dimenstein, Gilberto Jornal Folha de Londrina edição 29/07/2003
- [3] GUIMARÃES, Marcelo Rezende Doutor em educação pela UFRGS, coordenador da ONG Educadores para a Paz e assessor do Programam de Prevenção à Violência No Meio Escolar da SMED/Porto Alegre . Texto Por uma Cultura de Paz, pagina educadores para paz internet [www.educapaz.org.br](http://www.educapaz.org.br)
- [ 4] Brotto, Fábio Otuzi. Jogos Cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar. Santos, Sp Editora Re-novada.
- [5] SANTOS, Boaventura de Souza. Produzir para viver: Os caminhos da produção não capitalista. Ed
- [6] NUNES, Clóvis. Contruindo a Paz. Um diálogo inter-religioso e policultural em favor da Paz. São Paulo: Ed. Edicel.
- [7] SANTOS, Boaventura de Souza. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000, p. 56 Civilização Brasileira
- [8] Biblioteca Virtual de Política Científica e Tecnológica. <http://www.prossiga.br/politica-ct>
- [9] Ferrarezi, Elisabete. Organização da sociedade civil de interesse público - OSCIP : a lei 9.790 como alternativa para o terceiro setor / Elisabete Ferrarezi, Valéria Rezende - Brasília : Comunidade Solidária, 2000. 82 p.1. Rezende, Valéria. I. Título. II. Título: a lei 9.790/99 como alternativa para o terceiro setor
- [10] CARVALHO, Eide M. Murta, organizador. Pensamento vivo de Ghandi, Editora Martin Claret]
- [11] NUNES, Clóvis. Educação Pela Paz: Um guia para os pais, professores e todos os estudantes da vida. João Pessoa, Pb Qualigraf.
- [12] UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. [www.unesco.org.br](http://www.unesco.org.br)
- [13] Educadores Para a Paz, ONG do RS [www.educapaz.org.br](http://www.educapaz.org.br). Corrdenada por Marcelo Rezende Gonçalves.
- [14] Movimento pela Paz e Não-Violência – Londrina Pazeando organização não governamental de Londrina – Coordenada por Luis Claudio Galhardi [www.londrinapazeando.org.br](http://www.londrinapazeando.org.br)
- [15] *Diversos autores. Londrina Pazeando: Idéias dos estudantes de Londrina para Construção de uma Cultura de Paz, Londrina: Grafimark*
- [16] MAGALHÃES, Sandra e SEGUNDO, João Joaquim de Mello Neto, Banco Palma Ponto a Ponto, Impresso pela associação do conjunto palmeira/ banco palmas, Fortaleza, Ceará.

#### outros autores importantes consultados:

- [] BOFF, Leonardo. Oração de São Francisco: uma mensagem de paz para o mundo. Rio de Janeiro: Ed. Paz

□ HERMÓGENES. Mergulho na paz Rio de Janeiro: Ed. Record.

Endereço  
Luis Claudio Galhardi  
Rua Prof Joaquim de Mattas Bareto 1298  
Jd Lago Juliana  
CEP 86.015-790 Londrina Pr  
[galhardi@neudelondrina.org.br](mailto:galhardi@neudelondrina.org.br)